

Educação e arte: o que cabe à filosofia pensar?

Pensar um dossiê a partir dos domínios da filosofia, da arte e da educação pode parecer pretencioso à primeira vista. Cada um desses saberes possui uma constelação própria, com seus conceitos e seus problemas. Há uma história do pensamento para a filosofia, uma história da sensibilidade para a arte e uma história dos aprendizados para a educação. Mas quem pensa e constrói sistemas de pensamento, também age no mundo, tanto quanto reconhece nas ações formas de pensamento, e pode, até mesmo, como professor de filosofia, por exemplo, produzir conceitos, com base naquilo que a tradição lhe empresta para ser retirado como semente que se planta em outro lugar, no aqui e agora. E quem sente, também não pensa? Quem presta atenção no que sente, e em como sente (sons, cores, formas, palavras, matérias, ruídos), não aguçaria também o espírito para as ideias, por uma crítica de seu gosto e pelo julgamento de suas percepções no jogo da representação e da expressão artísticas? Teríamos boas ideias se não experimentássemos a perfeição ou a indecisão de cada coisa, sua beleza ou incompletude, sua excelência ou o seu perigo? E como educar, dar as condições para que o outro possa se conduzir por si mesmo, sem o exercício de abstrair suas sensações para gozar o sabor das ideias? Como educar sem mostrar ao outro que na divagação de seus pensamentos há um terreno no qual se move e está inscrita a sua própria história, quiçá a história de seus próprios preconceitos? Por isso, educar é um pouco conhecer os caminhos pelos quais se passa, os caminhos que a tradição nos deixa sempre como pegadas: ela vem de diversos lugares e idiomas, algumas são demasiadamente profundas, mas precisamos senti-las e senti-las, segui-las até certo ponto, de preferência sem afundar, para voltarmos ao nosso tempo e perguntarmos mais uma vez sobre o que deixamos de pensar e o que pode ser pensado.

Assim, o presente dossiê se concentra, em boa medida, no terreno da filosofia, por meio da qual se pensa a arte de educar e a educação da arte. Nesse conjunto, alguns artigos versam efetivamente sobre desafios e perspectivas no ensino de filosofia na escola. Esta compilação é decorrente das discussões motivadas pelo trabalho desenvolvido no grupo de pesquisa *Filosofia, Arte e Educação*, vinculado ao diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que foi constituído com base em uma ação pedagógica coletiva quando da ministração da disciplina *Seminário Especial Filosofia, Arte e Educação*, no ano de 2012, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O grupo de pesquisa tem por propósito problematizar as relações entre ciência e educação, educação e arte e, por fim, as relações entre educação, cultura e moralidade.

Essa interlocução conta com a contribuição de Tânia Aparecida Khüenen, no artigo **Ensino de filosofia e a constituição da identidade individual: formação, autonomia e gênero**, que aborda a questão de como a filosofia no Ensino Médio fundamenta a formação de sujeitos conscientes de si no espaço e no tempo, capazes de refletir criticamente sobre o contexto social no qual estão inseridos e sobre as expectativas desses sujeitos em termos de papéis fixos de gênero impostos de fora para dentro.

Em **Considerações sobre a passagem da República de Platão que trata da Mousiké**, Luís Felipe Bellintani Ribeiro reconstitui com genuíno cuidado teórico o que seria uma *estética platônica* a partir de um trecho específico da *República* de Platão, durante o qual Sócrates e seus interlocutores tratam a respeito da *mousiké*.

Gilson Voloski, no artigo **Contribuições do ensaio como experiência formadora do estagiário em filosofia**, propõe o exercício de escritura do ensaio como experiência de formação docente com base em Theodor Adorno.

A pedagogia da pergunta, na perspectiva de Montaigne e Cerletti, é discutida por Cleber Duarte Coelho, em seu artigo **Cerletti leitor de Montaigne: o ensino de Filosofia como estímulo à pergunta**, através do qual defende a experiência docente para além da reprodução técnica de conteúdos.

Já Evandro Oliveira de Brito, em **O projeto de fundação da ciência da educação: convergências entre Franz Brentano e John Stuart Mill**, expõe historicamente o conceito de intencionalidade no percurso das investigações filosófico-científicas sobre Etologia. Sua incursão teórica se sustenta em ideias de John Stuart Mill e Franz Brentano.

Marcelo Prates e Antônio Carlos Persegueiro, no artigo **Avaliação formal em filosofia: considerações dirigidas ao Ensino Médio**, tratam do tema da avaliação no contexto do ensino da filosofia.

Mélissa Thériault, por sua vez, em **La question du mauvais goût, entre jugement esthétique et plaisirs coupables**, problematiza as relações entre ética e estética, segundo o conceito de *akrasia*, do grego, a partir do qual a autora enfrenta a dificuldade de admitir um bom ou mau juízo de gosto como suficientes por si para se pensar e avaliar uma obra de arte.

Mediante obras de literatura infantil, cujo tema é a guerra, Fernando Azevedo, Angela Balça e Moisés Selfa Sastre, no artigo **Os conflitos bélicos e a criança na literatura infantil**, põem o conflito bélico em evidência, adensando ao mundo da criança um efeito real da sociedade globalizada.

Este dossiê reserva ainda um espaço de homenagem a um filósofo, cuja vida e obra inscrevem tão potentes narrativas da arte de se fazer professor: Selvino José Assmann. Em

entrevista reproduzida nesta ocasião como memória de um pensamento que pulsa por sua força crítica e atualidade, Selvino fala à Dorva Rezende, entre outros pontos, sobre como interpreta a raiz da cultura ocidental contemporânea.

Todos esses discursos transversalizam os domínios da *filosofia, da arte e da educação*, a partir de distintas perspectivas. Não se trata, portanto, de pensar uma unidade absoluta entre tais domínios, ou forçar a submissão ou absorção de um pelo outro, tal como se dá na ordem entre gênero e espécies. Antes, trata-se de rever as fissuras que os faz cruzar e os complementar, e de investigar também a trama que os envolve na tradição, especialmente filosófica. O subtítulo *experiências em pensamento* traduz de passagem o desejo de converter o rigor da investigação na aventura do livre pensar. Mais do que domínios sedimentados de um saber sobre o qual poucas questões restam, *filosofia, arte e educação* põem-se como experiências com base nas quais o pensamento emerge e se movimenta: afinal, como ainda é possível fazer filosofia, arte e educação hoje em dia? Basta reproduzir pensamentos para se fazer filosofia? Basta aprimorar o gosto para se fazer arte? Basta ter vivências e convivências sociais para se educar humana e culturalmente, como se já viéssemos prontos ao mundo?

Pretendemos, então, evitar a pretensão. Se ser pretencioso é cair na vaidade de prometer mais do que se pode cumprir, evitemos o primeiro passo da aventura. Afinal, pretender vem do latim, *praetento*, e significa, entre outras coisas, deixar ver, sondar, ensaiar, experimentar. Que o leitor experimente por si o que deixamos para ser visto e sonde o que pode ser experimentado pela aventura do pensamento.

Jason de Lima e Silva(UFSC)

Nelita Bortolotto(UFSC)

Nestor Habkost(UFSC)

Organizadores